

O dilema ético da proximidade no pensamento de

Emmanuel Levinas

The ethical dilemma of proximity in the thought of Emmanuel Levinas

Estevan de Negreiros Ketzer¹

Resumo: O presente artigo é apresenta uma discussão teórica sobre como o trabalho de Emmanuel Levinas pode nos ajudar a lidar com o problema ético da proximidade. Para tanto, observaremos a proximidade em três aspectos da obra levinasiana de suma importância: 1) a partir dos problemas colocados pela fenomenologia de Edmund Husserl e a criação da fenomenologia, Levinas parte para uma visão ética; 2) a ideia de rosto e seu contato com o pensamento de Franz Rosenzweig até a ideia a criação de um novo vocabulário durante a década de 1970 para referir-se a sua proximidade; e 3) como Levinas trouxe contribuições do pensamento judaico, tanto da religião quanto da língua hebraica para acrescentar a ideia de uma ética talmúdica ampliada. Nos três desenvolvimentos Levinas nos dá indicativos de que se trabalho não pode ser apenas teorizado, mas precisa de movimento em direção a um desenvolvimento paulatino da consciência dos dois envolvidos na relação.

Palavras-chave: proximidade; rosto; fenomenologia; alteridade

Abstract: This article presents a theoretical discussion on how the work of Emmanuel Levinas can help us deal with the ethical problem of proximity. To this end, we will observe proximity in three aspects of Levinas's work of utmost importance: 1) from the problems posed by Edmund Husserl's phenomenology and the creation of phenomenology, Levinas sets out for an ethical vision; 2) the idea of face and its contact with the thought of Franz Rosenzweig until the idea of creating a new vocabulary during the 1970s to refer to its proximity; and 3) how Levinas brought contributions from Jewish thought, both from religion and from the Hebrew language, to add the idea of an expanded Talmudic ethics. In the three developments, Levinas gives us indications that this work cannot be merely theorized, but needs movement towards a gradual development of the consciousness of both parties involved in the relationship.

Keyword: proximity; face; phenomenology; otherness.

¹ Psicólogo clínico. Doutor em Letras (PUCRS). Pós-doutorando em Ciências da Religião (PUCSP). Email: estevanketzer@gmail.com.

Para Andrea Kogan

יְקוֹן אֲנִי בְּיָדָם וְנִי הָאָדָם אֲתָם יַעֲשֶׂה אֲשֶׁר וְאֶת־מִשְׁפָּטֵי אֶת־חֻקֹּתַי וְשִׁמְרָתָם
וַיִּקְרָא י"ח:ה'

“Portanto, guardareis os meus estatutos e as minhas ordenanças, pelas quais o homem viverá, se as cumprir.
Eu sou o SENHOR”
[Leviticus 18:5](#)

Você vagueia com um molho de chaves enferrujadas,
De chaves para torres e salas escuras –
E encontre apenas o vento moribundo
Quem chora entre as ruínas²

Emmanuel Levinas, em “Le poète, le réaliste et Dieu”

Introdução

Nesse breve escrito estamos diante de um problema trazido pelo trabalho de Emmanuel Levinas na direção da ética da proximidade e suas consequências. Nós levamos em consideração o problema central de Levinas que reside em reler a fenomenologia de Husserl e Heidegger (LEVINAS, 1998) com a evidência de que a investigação resida de sobremaneira a um elemento de transcendência atrelado a estrutura própria do infinito ético.

O segundo ponto que levamos em consideração é a ideia de rosto como sensibilidade que me retira do lugar de mera passividade e me revela a emergência de outrem. Essa emergência já visa desde o começo do trabalho de Levinas a ser uma forma de abstrair-se de si sem, no entanto, deixar de estar ao lado de outrem. Essa interdependência do eu diante do si retira todo o excesso das pretensões e falsas intenções, levando ao surgimento da verdade, mas em sua revisão estabelecida pela vista que o outro se interpõe como parte de sua revelação, o que vemos em evidência na obra *Outramente que o ser ou mais além da essência* (LEVINAS, 2013a).

O terceiro e derradeiro diz respeito acerca da incomensurabilidade da relação ética proposta por Levinas e sua relação com *Torá*. Na *Torá* as leis (*mitsvo*) possuem um caráter divino de

² Tradução nossa do original em francês: “Tu erres avec un trousseau de clefs rouillées, / De clefs de tours et chambres sombres – / Et ne trouves que le vent moribond / Qui pleure parmi les ruines”. Em: LEVINAS, Emmanuel. *Oeuvres t.3 : Eros, littérature et philosophie / Essais romanesques et poétiques, notes philosophiques sur le thème d'éros*. Paris : Éditions Grasset & Fasquelle / IMEC Editeur, 2013b, p. 248.

entendimento. Ao obedecer as leis, tantos os 365 mandamentos negativos, correspondendo ao número de dias no [ano solar](#), que é como se cada dia dissesse à pessoa, quanto os 248 mandamentos positivos, relacionado ao número de [ossos](#) ou órgãos importantes no [corpo humano](#). Não apenas isso, mas devemos observar a ideia de sacrifício (*korban*) como parte da lei divina que impede que qualquer mandamento seja desrespeitado. As leis da Torá são sagradas, sendo interditas as suas transgressões (*yehareg ve'al ya'avur*).

Esse texto breve deve apresentar ao leitor o trabalho de Levinas e o conflito ético que a proximidade traz para essa ida até à alteridade. O modo de observar deve trazer algo tão particular da interação que precisemos refletir sobre antes de agir. Nesse aspecto observar, esperar e interagir são três atitudes básicas que revelam como a ética pode ser desenvolvida a um novo patamar para tomadas de decisão e resolução de conflitos.

1. Da fenomenologia à ética

A fenomenologia surge na intelectualidade europeia com uma postura muito mais cética sobre o conhecimento do que a antiga epistemologia moderna podia dar conta com sua metodologia. Para a fenomenologia, a epistemologia moderna não levou em consideração um emaranhado de questões que são anteriores ao conhecer propriamente dito: em um questionamento como em que reside a consciência que assim percebe as coisas tais como elas são, nós temos a ideia de uma investigação mais profunda da realidade. Em seu livro inaugural sobre o tema, *Investigações Lógicas*, Edmund Husserl (2014) nos dá clareza acerca da imprecisão e da confusão de domínios da assim chamada epistemologia, arraigada pelo trabalho de Immanuel Kant. Para Olavo de Carvalho (2020), essa confusão entrou em dois domínios muito particulares do conhecimento: o prático e o teórico, pois não podem ser nivelados pelas mesmas finalidades envolvidas em seus desenvolvimentos. “Caso se trate de um conhecimento que deve lhe dar um poder de atuação para fazer isso ou aquilo, está em questão uma *ciência prática*. Mas se for um conhecimento que deve lhe dar simplesmente uma *intelecção*, um entendimento de algo, então é uma *ciência teórica*” (CARVALHO, 2020, p. 57). Em resumo, a técnica não reduz o conhecimento a um mero entendimento, como aquele que podemos fazer ao ler um livro e tentarmos aplicá-lo a uma determinada atividade.

O trabalho de Edmund Husserl (1989) no livro *Ideia de Fenomenologia*, publicado em 1907, delinea o método fenomenológico de modo sintético. Ele chamou seu próprio método de

redução eidética, dando-lhe três fases: 1) *Suspensão*, em que se suspendem juízos e julgamentos sobre o objeto; 2) *Descrição*, cuja busca é a mais verdadeira possível sem levar em considerações aspectos subjetivos de quem observa; e 3) *Intenção*, na qual se tenta entender a finalidade do objeto, suas relações e consequências, a forma da complexidade, cuja estrutura é implícita e não percebemos empiricamente. Para Husserl essa reconstrução da realidade é de sobremodo importante, pois Husserl entende que as ciências tiveram um grande desempenho na sociedade ocidental a ponto de obliterarem o saber da filosofia. Se as ciências, principalmente a química e a física, foram capazes de olharem pontos não perceptíveis dos objetos com uso de instrumentos nunca vistos, a filosofia deve também rever seu método e propor algo surpreendentemente novo: para/em direção às coisas em si mesmas (*zu den Sachen selbst*), o qual expôs em seu livro *Investigações Lógicas*, de 1900.

Levinas observa as contribuições de Husserl desde sua tese inicial (LEVINAS, 2004), cujo detalhamento e apreciação sobre a fenomenologia são também uma grande organização de referências entre o problema lógico e o psicológico. Em sua ideia, há pressupostos que evidenciam, na visão de Levinas, uma nova teoria sobre o ser em Husserl, já contida no livro *Ideias Para uma Fenomenologia Pura e Para uma Filosofia Fenomenológica*, de 1913 (HUSSERL, 2006). Nesse livro vemos novas contribuições que nos ajudam a compreender a mudança metodológica da fenomenologia. Em seus acréscimos, ele nos traz o quanto a imaginação possui uma carga fundamental, pois fogem da empiria pura. Se o domínio da lógica era extremamente importante a ponto de ser imprescindível para as primeiras reflexões de Husserl, as especulações psicológicas passam a ter um novo valor com base a essa ruptura espaço-temporal com a utilização da imaginação.

A filosofia de Emmanuel Levinas se identifica dentro da fenomenologia tanto de seu mestre Edmund Husserl, quanto do Martin Heidegger (LEVINAS, 1998). Para ele, a fenomenologia traz o sentido da responsabilidade, como ele nos evidencia em seu artigo de 1940 “A obra de Edmund Husserl”. O ser humano está diante da realidade e isso por si só escapa em muito a lógica estrita. “É o significado da verdade, o sentido do ser, como Husserl dirá mais tarde – o *Seinssinn* – que a análise fenomenológica descobre” (LEVINAS, 1998, p. 23). Tal como um retorno ao nominalismo de Duns Scotus, Levinas nos traz mais um ponto que já influenciara Spinoza em sua *Ética* segundo a geometria. A complexidade é um fator inerente ao sistema que se está a investigar.

2. A sensibilidade do rosto

Após a primeira apreensão francesa da fenomenologia, Levinas também promoveu ao seu pensamento elementos pela via axiológica, cuja ideia do rosto mobiliza tanto a ética quanto a estética. Aos poucos veremos o quanto o pensador lituano desenvolve a proximidade como um elemento tão real quanto metafórico, em que o escopo visa uma aproximação com a sensibilidade humana. Segundo ele:

O rosto está presente na sua recusa de ser conteúdo. Neste sentido, não poderá ser compreendido, isto é, englobado. Nem visto, nem tocado - porque na sensação visual ou tátil, a identidade do eu implica a alteridade do objeto que precisamente se torna conteúdo (LEVINAS, 2019, p. 188).

O rosto, apesar de sua obviedade, não pode ser visto apenas como sua mostração, mas sim deve ser aos poucos ser observado como camadas de aproximação que levam a um elemento cada vez mais ululante e prenhe de sensibilidade. Essa sensibilidade é justamente parte do profundo trabalho do pensamento abstrato ao encontrar a vida e sua multiplicidade de circunstâncias. Levinas, foi também um grande leitor do trabalho de Franz Rosenzweig (1997), cuja ponte entre a fenomenologia mais objetiva de Husserl e a percepção de intimidade humana de Rosenzweig ganham grande repercussão nas ideias levinasianas. Deve haver uma sensibilidade capaz de evadir o eu para a entrada do outro no pensamento. Esse tema foi matéria do primeiro ensaio filosófico de Levinas (1982), intitulado *Da Evasão*, o qual se concentra no significa do ser diante a existência de outrem e sua interpelação incessante sobre mim.

Nós voltamos a algumas considerações trazidas pelo próprio Rosenzweig (1997), por consideramos importantes para estabelecermos a coerência de suas ideias. O pensador alemão não caiu em um puro nominalismo em sua obra, mas tentou conciliar o universalismo com algo próprio do sentido profundo do indivíduo como parte do próprio problema do filosofar quando este não alcança uma forma estética e universal. Nesse aspecto não podemos deixar de lado os elementos espiritualistas de Rosenzweig, pois essa sincronia entre mundo, homem e Deus, base do seu livro *Estrela da Redenção*, publicado em 1921, são por demais características de um pensamento arrojado e interpelador. Sua proposta pode ser vislumbrar como muito mais cética do monismo e da estabilidade, frente às transformações e dinâmicas do

pensamento. Cabe ao homem reconhecer sua parcialidade diante ao universal, ele se reconhece como em paralelo ao projeto da busca da verdade. “A verdade não corrobora a realidade, senão que a realidade faz verdadeira a verdade, ela a guarda. A essência do mundo é preservação, e não provação, da verdade” (ROSENZWEIG, 1997, p. 55). Portanto, aqui nós encontramos um elemento que toca ao intangível, embora reforce a plena responsabilidade humana por todos os seus encontros. Esse aspecto influenciou a ideia de um rosto na obra levinasiana, dispondo não apenas de uma ordenação no mundo, mas de uma abertura que se constitui o renunciar a si, de suas próprias considerações ou opiniões, ainda que temporariamente, para reparar no funcionamento do outro, na gama de circunstâncias que envolvem não uma unidade do ponto de vista lógico, mas uma relação de diferentes aspectos que se sincronizam em um determinado evento.

A afirmação inicial da *Estrela* tem assim de, neste momento, quedar-se em suspenso: nada a sustenta, no corpo da tradição, senão uma atitude emocional. Como em toda a tradição, a alteridade – aqui, a alteridade existencial absoluta da morte – é reduzida rapidamente a uma determinada situação de “neutralidade” desde onde não perturbe, com seus elementos “aracionais”, a racionalidade do Todo (SOUZA, 1999, p. 108)

Há no pensamento de Rosenzweig algo de paradoxal para o problema do mesmo em direção a si mesmo: o enigma do rosto do outro. O elemento trazido por Levinas é mais forte o suficiente para ser atordoador do ponto de vista do conhecimento pleno e previsível. Por isso Levinas foi aos poucos caminhando para um novo vocabulário que de fato conseguisse não ser apenas alusivo ao não-ser, mas cada vez mais próprio de relações que na sua observação mais próxima deixam o ideal da ontologia para se lançarem a psicologia, poética, artes visuais e teologia. “Toda a minha interioridade é investida na forma de um apesar-de-mim, para-outro” (LEVINAS, 2013a, p. 26). Esse pensamento pode gerar uma certa perplexidade, do ponto de vista de ser quase uma utopia irrealizável, mas a exigência de estar com o outro na proximidade revela justamente um aspecto tanto íntimo quanto profundamente indagador acerca da estrutura da realidade. *Poderia a minha interioridade ir ao encontro do outro se não me dispuser a abandonar temporariamente minha racionalidade instantânea e aproximar-me de instâncias emocionais desconhecidas por mim?*

Levinas leva em conta a ideia de Husserl de uma síntese passiva e de um tempo interno (MOHANTY, 2011). E nessa revisitação realizada por Levinas o *logos* heideggeriano padece de um problema de suma importância para, pois não leva em consideração os elementos

emocionais do encontro entre seres dessemelhantes. O logos galgado em aspectos como semelhança formal ou identidade original não se encaixa com essa perspectiva. A ideia de uma redução fenomenológica do ponto de vista husserliana precisa de acréscimos no que diz respeito a uma vulnerabilidade essencial do eu diante ao outro (LEVINAS, 2013a)³.

3. Tradição judaica em Levinas

A ideia de rosto não advém de um incremento da fenomenologia ou das tentativas de expressar uma ideia de alteridade sob o ponto de vista ocidental. Levinas traz em seus escritos judaicos elementos que são estranhos a nossa ética prescritiva. A ética do ponto de vista judaico é algo que ainda não aconteceu e pode mudar a qualquer instante, dada a instabilidade de fatores que o povo judeu teve ao longo das eras. Tampouco podemos esquecer as próprias vivências de Levinas em campos de prisioneiros durante a Segunda Guerra Mundial, entre 1940 a 1945, e a ajuda que receberam sua esposa e seus dois filhos do amigo Maurice Blanchot, cujo pedido para escondê-los em um convento foi imprescindível (LESCOURRET, 1994).

Seu trabalho junto à Aliança Israelita Universal (AIU) foi muito importante por dedicar-se ao ensino de hebraico crianças marroquinas e argelinas pobres que moravam na França. Daí veio o pedido para proferir uma série de conferências sobre o *Talmud* entre 1963 a 1966 no Congresso Mundial Judaico, acontecido em Paris. Não podemos esquecer que Kaunas, cidade natal de Levinas foi no passado um dos maiores centros de estudos judaicos mundiais, com a corrente *mitnagdim* (opponentes), tendo no exercício da discussão do *Talmud* a maior esfera de formação intelectual judaica durante a modernidade. Levinas se sente muito confortável com a tarefa de ensinar algumas lições talmúdicas para o seu público, o qual ignorava por completo seu estudo e em sua grande maioria não estavam familiarizados com a língua hebraica.

³ Esse ponto foi largamente discutido por Paul Ricoeur (1999) em seu estudo sobre o livro *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*, de Levinas. Segundo Ricoeur, Levinas começa uma luta infinita com a ética contra o ideal da ontologia heideggeriana e ele o faz por utilizar-se de argumento da *an-arquia* – ausência de origem – do pensamento diante do encontro com outrem. O próprio Ricoeur diz ter “extrema dificuldade” (RICOEUR, 1999, p. 25) com a ideia de aproximação. Veremos que muitas das razões dessa dificuldade de entendimento estão relacionadas à tradição judaica que percorre a obra de Levinas, os quais veremos a seguir em nosso ensaio.

Levinas leva em consideração o rosto pois sua raiz vem da palavra hebraica *panim*, portanto, vemos aqui uma palavra escrita como um plural. *Panim* é sem dúvida tão importante que sua ideia perpassa todo o entendimento de Deus em uma leitura atenta da *Torá*. Deus se revela costumeiramente em uma voz, mas seu rosto nunca é visto. A passagem a seguir indica uma figura de grande importância e de curioso mistério a Deus, em Deuteronômio 4:12 “Vocês ouviram o som das palavras, mas não viram nenhuma imagem; havia somente uma voz” (TORÁ, 2013, p. 886). Antes de ver para o pensamento judaico a forma de aprender está galgada em escutar. Talvez por isso o rosto de Deus não seja visto como uma imagem, mas sentido como uma voz, pois ao falar ele dá ordem aos seres humanos e lhes indica o que devem fazer para sobreviverem e alcançarem prosperidade.

Esse caráter próprio da narração (*bagadá*) tão presente na *Torá* e no *Talmud*, o qual guia esse povo antigo e misterioso dos judeus. Ser judeu de todas as maneiras exige algo um pouco mais tenso, manter um legado que se estende de geração a geração, tal como a escrita na pedra de onde o povo no deserto recebeu os mandamentos divinos. “Amar mais a *Torá* do que a Deus, é precisamente isso que significa acessar um Deus pessoal contra quem se pode rebelar, isto é, por quem se pode morrer” (LEVINAS, 2010, p. 223). Acessar não o Deus em si, mas as relações entre os homens expressas na *Torá* já é algo precisamente complexo no panorama humano. Não esqueçamos que ser judeu em um mundo que não os suporta, de tempos em tempos o mundo os identifica com algum tipo de bode expiatório social, levando a guerras e chacinas de grandes proporções. Como ele nos lembra: “(...) ainda não sei se o mundo tem necessidade do judeu, mas o judeu tem necessidade do mundo” (LEVINAS, 2003, p. 144). Esse elemento é parte fundamental do modo judaico de pensar, o qual coloca em relevo as situações por serem por si só problemáticas diante as decisões de homens que se afastaram do mundo.

O judeu serve para lembrar que apesar das dificuldades o perdão deve estar lá, não apenas a Deus no dia do perdão (*Yom Kippur*), mas justamente a outrem. Esse fato acerca do perdão não é menor em seu pensamento, mas envolve um profundo encontro com algo tão humano e cotidiano a ponto de se tornar uma necessidade de memorização (*zachor*), tal como os antigos rabinos liam a *Torá* para ser decorada em seus corações. “O conhecimento integral ou Revelação (recepção da *Torá*) é comportamento ético” (LEVINAS, 2003, p. 97). Isso porque todo o judaísmo é uma promessa de encontro, uma vinda em algum tempo daquele que irá transformar a realidade. Essa é a ideia do messias (*maschiach*) e por isso a não vinda dele não é um

problema como é para os cristãos. A tradição se formou de outra forma por justamente haver tempo para esperar e enquanto isso se aperfeiçoa (*birurim*) em cada gesto e atitude que podemos ter. “A promessa messiânica não é possível sem que a perfeição primeira seja devolvida a cada um individualmente, sem que cada um reencontre sua coroa pessoal” (LEVINAS, 2003, p. 92). Essa busca é incessante e não conduz a outra redenção que não seja a de um aprendizado.

Levinas não era afeito à escola cabalística do *chassidismo*⁴, tendo por preferência a austeridade e compromisso dos *mitnagdim* lituanos. Cabe lembrar que o Talmud por si só já possui muito misticismo na medida que ele é um estudo acerca da própria ética (*moussar*). Essa ética como vemos em tratados como o Sinédrio (*sanedrim*) que faz jus a ideia de um tribunal, ainda que sua conotação seja diferente para esse texto: “Seguramente, o tribunal não é uma sinagoga, é quase como uma escola. Estudo da lei e jurisdição, teoria e ação, rigor e misericórdia” (LEVINAS, 2003, p. 145-146). Por que o rigor é algo feito no sentido de dispor um cuidado sobre o que se faz, tal como um pacto (*brit*), sem o qual as combinações não podem ser feitas para que justamente possa haver esse crescimento. Por essa razão o povo judeu celebra tanto a *Torá* e os mandamentos (*mitzvot*), pois elas são como instruções para o povo aprender o certo e se desenvolver no mundo do seu jeito pessoal, de um jeito único que só cabe a cada um descobrir.

Considerações Finais

Nosso trabalho visa mostrar um elemento muito sensível e propriamente desafiador na ideia de Levinas de proximidade. Seu pensamento está atrelado ao judaísmo por levar em consideração os contributos das leis e suas discussões naquele livro que se tornou o mais afeito ao rabinato, o *Talmud*. Não apenas galgado na visão das leis (*halachá*) e de seu cumprimento, mas há grandes influências filosóficas no trabalho de Maimônides e de Spinoza, as quais fogem ao escopo do presente trabalho.

Não é menos importante o quanto alguns elementos da língua hebraica imprimem com força na obra de Levinas suas considerações sobre a ética. Nós sabemos que o verbo ser (*lehiot*)

⁴ Escola ucraniana galgada nos ensinamentos de Israel ben Eliezer, o assim conhecido *Baal Shem Tov* (1698-1760), o qual inicia uma dinastia de rabinos conhecidos como os chassídicos, ou seja, piedosos.

não pode ser conjugado no presente do indicativo na língua hebraica. Esse fato aparece como crítica primeva diante a orientação logocêntrica de Martin Heidegger e sua ontologia do Ser. Também é digno de nota o termo outro (*acher*) como um anátema claro ao termo um (*echad*), pois suas letras se parecem na língua hebraica e se *echad* não for bem pronunciado pode dar luz a uma das maiores heresias de todo o judaísmo rabínico (KETZER, 2020).

Por fim, gostaríamos de ressaltar a importância da fenomenologia de Levinas para o trabalho da psicoterapia. O psiquiatra Daniel Stern (2007), traz elementos como o tempo fenomenologicamente percebido, quando ele surge como um instante sobre o acontecimento de difícil entendimento quando duas pessoas estão em contato direto. O trabalho de Leswin Laubscher (2024) ressalta como a proximidade é uma característica muito importante em processos terapêuticos, mas que não é abordada em currículos acadêmicos. O trabalho de Dan Zahavi (1999) cita tanto o trabalho de Stern (2007), quanto as contribuições de Levinas como basilares para a constituição do eu (*self*) a partir do desenvolvimento da consciência (*awareness*) que se tem do outro (*Other*), fato esse que leva a uma revelação em detrimento de uma de uma divulgação (*disclosure*), o que leva justamente a uma ideia de invisibilidade reconhecida como parte indissolúvel de um relacionamento entre duas pessoas.

A proximidade é parte do grande vetor das intensidades vivenciadas pela interação. Elas são impactantes o suficiente para ser necessária uma carga de pensamento sobre o acontecimento que excede a dupla envolvida. Um elemento que nos chama atenção em seu trabalho é acerca do papel da curiosidade e sua relação com o método fenomenológico que escande as limitações de entendimentos rígidos. Esse parece ser cada vez mais o papel das emoções em relações humanas tal como apontam os recentes achados das neurociências (COZOLINO, 2006; SCHORE, 2012; KETZER, 2019) acerca do sistema de regulação da amígdala. Levinas nos traz ao elemento invisível que nos faz pensar na reunião de elementos vestigiais (*trace*) tanto da experiência quanto do imaginário que a cerca. Portanto, as perguntas que podemos fazer nos ajudam a desenhar um contorno sutil sobre o outro que está diante de nós com uma consciência tão pulsante quanto a nossa própria em nosso desejo de estar ali em relação.

Referências

- CARVALHO, Olavo de. *Edmund Husserl contra o psicologismo*. Campinas: Vide Editorial, 2020.
- COZOLINO, Louis. *The Neuroscience of the Human Relationship: attachment and the developing social brain*. New York: W.W. Norton & Company, 2006.
- HUSSERL, Edmund. *Ideia de Fenomenologia*. Tradução de Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1989.
- HUSSERL, Edmund. *Ideias Para uma Fenomenologia Pura e Para uma Filosofia Fenomenológica*. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2006.
- HUSSERL, Edmund. *Investigações Lógicas*. Tradução de Diogo Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- [KETZER, Estevan](#) de Negreiros. Algumas contribuições da neuropsicanálise em casos de traumas psíquicos. *Diaphora - Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, v. 19, p. 09-16, 2019.
- [KETZER, Estevan](#) de Negreiros. Luz que vem da escuridão: a leitura talmúdica de Levinas como partilha da alteridade. In: SOUZA, Ricardo Timm de; TAUCHEN, Jair; HOCHMANN, Isis; PONTEL, Evandro; PERIUS, Oneide. (Org.). *A Tentação Ancestral: A questão histórico-cultural do tema da Idolatria ao longo dos séculos e sua relevância na contemporaneidade*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2020, p. 113-129.
- LEVINAS, Emmanuel. *De l'évasion*. Paris: Fata Morgana, 1982.
- LEVINAS, Emmanuel. *Le temps et l'autre*. Paris: Presses Universitaires de France, 1983.
- LEVINAS, Emmanuel. *Humanismo do outro homem*. Tradução de Pergentino S. Pivatto (org.). Petrópolis: Vozes, 1993.
- LEVINAS, Emmanuel. *Descobrindo a existência com Husserl e Heidegger*. Tradução de Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- LEVINAS, Emmanuel. *Quatro Leituras Talmúdicas*. Tradução de Fábio Landa. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- LEVINAS, Emmanuel. *La teoría fenomenológica de la intuición*. Traducción de Tania Checchi. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2004.
- LEVINAS, Emmanuel. *Difficile Liberté*. Paris: Albin Michel, 2010.
- LEVINAS, Emmanuel. *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*. Paris: Kluwer Academic, 2013a.

- LEVINAS, Emmanuel. *Oeuvres t.3 : Eros, littérature et philosophie / Essais romanesques et poétiques, notes philosophiques sur le thème d'éros*. Paris : Éditions Grasset & Fasquelle / IMEC Editeur, 2013b.
- LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito: ensaio sobre a exterioridade*. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2019.
- LESCOURRET, Marie-Anne. *Emmanuel Levinas*. Paris: Flammarion, 1994.
- LAUBSCHER, Leswin. *Levinas for Psychologists*. New York: Routledge, 2024.
- MOHANTY, Jitendra Nath. *Edmund Husserl's Freiburg Years, 1916-1938*. New Haven: Yale University Press, 2011.
- RICOEUR, Paul. *Outramente: leitura do livro Autrement qu'être ou au-delà de l'essence* de Emmanuel Levinas. Tradução de Pergentino Stefano Pivato. Petrópolis: Vozes, 1999.
- ROSENZWEIG, Franz. *La estrella de la Redención*. Traducción de Miguel García-Baró. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1997.
- SCHORE, Allan N. *The Science of the Art of Psychotherapy*. New York: W.W. Norton & Company, 2012.
- SOUZA, Ricardo Timm de. *Existência em Decisão: uma introdução ao pensamento de Franz Rosenzweig*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- STERN, Daniel. *O Momento Presente na Psicoterapia e na Vida Cotidiana*. Tradução de Celimar de Oliveira Lima. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- TORÁ Viva – O Pentateuco e as Haftarot. Tradução do hebraico para o inglês com comentários de Aryeh Kaplan. Tradução do inglês para o português de Adolpho Wasserman. São Paulo: Maayanot, 2013.
- ZAHAVI, Dan. *Self-Awareness and Alterity: a phenomenological investigation*. Evanston: Northwestern University Press, 1999.